

OS PRIMEIROS BRASILEIROS

Vera Lúcia de Azevedo Siqueira¹

RESENHA: **Os primeiros brasileiros.** Experiência circular. Memorial dos Povos Indígenas – Brasília, DF. De 28 de agosto a 16 de dezembro 2018.

Após percorrer cinco estados brasileiros, uma pequena mostra de artefatos de tribos brasileiras foi inaugurada no final de agosto em Brasília, no Memorial dos Povos Indígenas. São 262 peças reunidas por seu curador, o antropólogo e professor titular do Museu Nacional João Pacheco de Oliveira, que incluem itens em cerâmica, madeira, fibras e arte plumária. Seria uma mostra itinerante como tantas outras já exibidas no Memorial, não fosse ela composta da única coleção que se encontrava fora do Museu Nacional por ocasião do incêndio que dizimou, em 2 de setembro, o antigo palácio imperial.

O acervo do museu mais importante da América Latina teve sua formação original ainda na época de D. João VI, D. Pedro I e princesa Leopoldina, por meio de compras, doações, trocas e também de coletas feitas por naturalistas e viajantes. As coleções indígenas incluíam itens preciosos como a arte plumária dos Mundurucu – retratada no século XIX nas pinturas do francês Hercules Florence – e as joias dos Caapores, com penas de pássaros montadas em mosaico, além do mapa original étnico-histórico-linguístico feito nos anos 40 pelo etnólogo alemão Curt Nimuendajú. No que se refere ao patrimônio imaterial, o Centro de Documentação de Línguas Indígenas/Celin, também destruído, abrigava registro orais de povos como os Puri, considerados extintos pela FUNAI.

A mostra em questão, articulada em quatro módulos, ocupa amplo espaço e constitui uma narrativa focada no universo indígena da região nordeste do país. Inicia-se com “O Primeiro Encontro”, espaço em que o visitante aprecia painéis de grandes dimensões reproduzindo mapas, como o *Terra Brasilis*, de Lopo Homem (1519), além de telas e gravuras pós-descobrimento, ao lado de breves textos de cronistas da época que cristalizaram no imaginário europeu a existência de um paraíso terreal.

Intitulado “Mundo Colonial”, o segundo módulo dá continuidade à exibição de grandes painéis, mostrando ao visitante a importância da presença indígena nesse universo. A narrativa da curadoria ressalta a progressiva exploração por parte do colonizador dessa

¹ Museóloga (UNIRIO); mestre em Educação (UnB).

mão de obra que foi utilizada na extração de riquezas (pau-brasil), nas obras públicas (construção de fortes e igrejas) e também na lavoura do açúcar e nas minas de salitre. No entanto, segundo o curador, a imagem que se tem do índio permanece idealizada no estereótipo de um passado romântico, presente ainda hoje no imaginário popular por meio das obras de romancistas, poetas, pintores e músicos.

O terceiro módulo, “Mundo Indígena”, é o cerne da mostra, onde é possível conhecer a coleção propriamente dita acompanhada de imagens e textos sobre seus usos sociais. Trata-se de uma série de artefatos exibidos em suportes tradicionais, em preto, branco e tons terrosos. Além de peças utilizadas no dia a dia (potes, abanos, bolsas, fardamentos, instrumentos musicais, armas, armadilhas), há uma série de objetos religiosos, como os praiás (vestimentas rituais dos Pankararu), exibidos em espaço restrito, na penumbra, com as práticas a eles associadas. Em destaque, um manto tupinambá, cujo texto informa ser uma réplica já que, dos seis mantos remanescentes, nenhum deles se encontra no Brasil.

Denominado “Mundo Contemporâneo”, o quarto módulo mostra o papel de destaque que os indígenas vêm assumindo na sociedade atual e estrutura-se em dois espaços distintos. O primeiro apresenta textos, imagens e um mapa atual para falar de mobilização política e étnica dos povos Tapeba, Kariri-xocó, Xucuru, Tremembé, Pankararu, Fulni-ô, Pataxó hã-hã-hãe, Tuxá, Kiriri e Tupinambá. O visitante é informado sobre os principais eventos e atores dessa trajetória histórica que inclui extinção de aldeamentos, invasão de terras, apagamento de identidades, mas também forte resistência. Já no segundo módulo, é possível comparar o antigo imaginário sobre os indígenas com as formas atuais pelas quais eles se representam, inclusive por meio de um vídeo que finaliza o circuito, com breves depoimentos de mulheres indígenas.

O acervo etnográfico mais importante do país contava com cerca de 40 mil peças. Nos escombros do prédio, estão sendo descobertos itens importantes que sobreviveram ao incêndio, como bonecas da etnia Karajá e um vaso antropomorfo pré-colombiano. No entanto, a reconstituição dessas coleções é um desafio, pois não existia um catálogo online e os computadores foram destruídos. Fica a esperança de que as autoridades públicas dediquem mais atenção e investimento na preservação do patrimônio cultural brasileiro, cientes do quanto é importante manter viva a memória de nosso passado na construção de um país melhor.